



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ANDROGINISMO: UMA ANÁLISE DA HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DA MÚSICA DE KLEDIR RAMIL

Denner Edyzio da Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru.

denneredyzio@hotmail.com

Resumo

O presente artigo pretende, a partir da música Androginismo, de Kledir Ramil fazer uma análise sobre a homossexualidade, abordando a dimensão performativa do discurso e da construção como mecanismos de validação da norma. Refletindo sobre a hierarquização do gênero e a condição de subalternidade das categorias fora do código de virilidade. Nesse contexto, o trabalho reflete sobre a homofobia que afeta a população LGBT.

Palavras chaves: andrógino, homossexualidade, homofobia.

Abstract

This article aims, from the Androginismo music, Kledir Ramil do an analysis on homosexuality, addressing the performative dimension of discourse and construction as validation mechanisms of the standard. Reflecting on the hierarchy of gender and subordination condition of categories out of virility code. In this context, the work reflects on homophobia that affects the LGBT population.

Keywords: androgynous, homosexuality, homophobia.

Introdução

As produções discursivas partem da oralidade e da escrita, das várias maneiras de expressão, sendo assim a arte é uma maneira de produzirmos discursos. Considerando esses discursos presentes na arte analisaremos a letra da música Androginismo, do compositor Kledir Ramil, procurando estabelecer relações com os estudos de gênero e corpo, bem como a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

teoria *Queer*. A relevância dessas relações está no fato de que, segundo Díaz (2013), “a linguagem é sem dúvida, um âmbito dinâmico de possibilidades não predetermináveis, sempre à espreita de trazer à presença mundos imaginados (...)”. A arte lida com a criação que, numa barreira tênue entre ficção e realidade, nos mostra, como processo discursivo, valores de uma sociedade em uma determinada época. Nesse contexto, é relevante dizer que os corpos e a identidade sexual também são atravessados por discursos e afetados por ele, porque são descritos, explicados, interpretados e analisados, sendo assim, os corpos e as identidades sexuais se encontram numa formulação performativa do discurso, ou seja, uma repetição de normas. É relevante o que Foucault nos diz:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discriminação é exigida a uns e a outros (...) (2011, p.34).

A fala de Foucault nos lembra dos tempos em que a sociedade brasileira passou um longo período sem poder falar, censurada na época da ditadura, pois existia uma rígida separação entre o que podia ser dito e o que não podia ser dito, o que era autorizado e o que não era autorizado. Porém, não é apenas a censura explícita que regula os discursos, as normas, as convenções sociais que passam por um processo de repetição e reiteração de maneira implícita regulam o que pode e o que não pode ser dito. A essa repetição e reiteração da norma Judith Butler chama de “*performatividade*”. Dessa forma, nos referimos à formulação performativa ao longo do trabalho, o que nos remete a teoria *Queer*, da qual Butler é a principal teórica. Segundo Díaz:

Butler destaca que as normas são as que materializam o sexo e que esse processo de materialização se faz possível pela reiteração, repetição obrigada das normas. Isso mostraria que a materialização do sexo, do corpo não implica determinismo – tampouco, de início voluntarismo – porque não é de nenhum modo e nunca completa, já que se exige persistir nesse processo repetitivo de materialização. O corpo materializado não se ajusta de todo às normas (2013, p.443).

Referir-nos a norma, como algo repetido traz a dimensão performativa do discurso e da construção e contribui para uma reflexão a cerca de como os nossos conceitos ou preconceitos aparecem. Temos vivido uma crescente proliferação de discursos, quando as falas e os pensamentos se multiplicam. Percebemos um desejo grande de falar sobre política, religião e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexo, para regulamentá-los ou para desestabilizar a regulação. O que dizer e como se diz provocam reações e opiniões diversas, que podem ir aos preconceitos ou fomentar o desejo de reflexão. A música de Kledir Ramil nos traz um assunto que, durante muito tempo foi e ainda é perseguido pelo discurso moralista da normatividade: a homossexualidade. Vejamos a letra da música:

Quem é esse rapaz que tanto androginiza, que tanto nos convida pra carnavalizar. Que tanto se requebra no céu de um salto alto, que usa anéis e plumas a lantejoulizar? Que acena e manda beijos pra todos seus amores, que vive sempre a cores a escandalizar? A minha mãe falou que é um tipo perigoso que vive sorridente fazendo quá, quá, quá. O meu pai contou que um dia viu o cara num cabaré da zona dançando chá, chá, chá. Quem é esse rapaz que tanto androginiza, que tudo anarquiza pra dissocializar? Com mil e um viados puxando o seu foguete que lembra um sorvete pra refrescalizar, cuidado aí vem ele, é um circo é um cometa. Abana, abana, abana que é papai Noel. A minha mãe falou que é um tipo perigoso que vive sorridente fazendo quá, quá, quá. O meu pai me contou que um dia viu o cara num cabaré da zona dançando chá, chá, chá. Eu pensei que todo mundo fosse filho de papai Noel.

Quem é esse rapaz?

Quando consultamos o dicionário encontramos a seguinte definição para andrógino: que participa dos dois sexos; hermafrodita. 1. Ser andrógino, 2. Ente que os gregos imaginavam providos de dois corpos, um masculino e outro feminino. (Larousse, 1992)

A primeira definição nos fala de alguém, por isso um ser, que participa dos dois sexos, no sentido de ter natureza comum aos dois sexos. Uma definição ligada às ciências biológicas. A segunda definição nos fala em corpos ligados à imaginação, por isso uma definição ligada ao mitológico, à arte. Nenhuma das definições deixa clara a ligação do andrógino com as práticas sexuais, sejam elas heterossexuais ou homossexuais. Portanto, a música que traz como título “*Androginismo*”, sugere um ser muito mais próximo da mitologia, o que pode ser, ou não, comprovado na letra da música. Para situarmos o andrógino na mitologia é relevante o seguinte comentário:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Andrógino, ou o corpo sem gênero O mito do andrógino é característico dos cultos lunares primitivos, associados à devoção da deusa Mãe. Segundo este mito, o primeiro ser era simultaneamente macho e fêmea, reinando sobre a natureza e as suas criaturas. Este ser primordial, recuperado pela tradição hermética, era criador e ordenador do mundo à sua volta, constituindo, desta forma, uma ideia transcendental. Trata-se, portanto, de um símbolo de união, em que nenhum dos seus componentes – masculino/feminino; sol/lua – é superior ao outro (Durand, 1963, 312-314).

O que nos chama atenção sobre o mito do andrógino é a eliminação da noção de gênero, da divisão binária que pressupõe uma hierarquia e coloca a mulher em lugar inferior. Entendemos que a construção dos gêneros está ligada às relações de força e de poder que foram evidenciadas nas sociedades de caça, desde então, o homem destinou a ele mesmo o domínio público e para as mulheres o domínio privado. Houve uma quebra do culto à deusa mãe e ao mito andrógino que é evocado pelo título da música de Kledir Ramil numa metáfora à igualdade.

Ao lermos a letra da música “*Androginismo*”, percebemos que o mote para seu desenvolvimento é uma pergunta: Quem é esse rapaz...? Essa pergunta, no contexto da música, traduz a perplexidade da sociedade normativa diante do que Louro chamou de “desconforto da ambiguidade, do entre lugares.” (Louro 2008).

O fato de o rapaz ser biologicamente homem, e socialmente comportar-se como mulher, usar anéis, plumas, salto alto o coloca, na letra da música, numa condição homossexual, como se as identidades fossem fixas e estáveis, além disso, existe uma dificuldade em encontrar um termo que se adeque a esse sujeito não heterossexual. A necessidade de categorizar o comportamento que foge à heteronormatividade ganhou um grande número de nomes ao passar dos séculos. Achemos relevante o que nos diz Barcellos sobre essa necessidade:

Uranista, sodomita, homossexual: nomes que os homens da ciência, que raramente tiveram boas palavras para esse assunto, deram ao amor que não ousa dizer o nome (Oscar Wilde). Homossexual, o mais recente deles data do século XIX (século dos nomes, propriamente, e o século que viu o surgimento da psiquiatria), de 1869 mais precisamente, invenção de um médico húngaro, Karoly Benkart, que assim reclamava o sufixo homo, não dos romanos, em que ele se refere ao homem, mas dos gregos, em que ele traz o sentido de igual. A sexualidade entre os iguais tinha finalmente uma classificação, virava categoria (2011, p.65).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Homossexualidade, contudo é uma categoria ligada à ciência, a criação médica, foi lançado originalmente em 1869, na Alemanha traz o sentido de desvio, anormalidade. O termo homossexualidade sofre outra crítica, para Costa (1992) “interpretar a ideia de homossexualidade como uma essência é incorrer num erro etnocêntrico.” Segundo o estudioso, não podemos perceber a homossexualidade como um traço comum a todos os sujeitos que têm o desejo de relacionar-se sexualmente com pessoas do mesmo sexo, porque a identidade não é fixa. Para Costa (1992) o melhor termo seria homoerotismo, ele explica que “o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do homossexualismo de onde derivou o substantivo homossexual.” Mais uma vez fica evidente o esforço de dissociar a homossexualidade de identidade, essência. A busca por um termo adequado para o comportamento não heteronormativo nos leva a pensar na importância da linguagem que utilizamos.

No contexto de festa carnavalesca, o autor da música aproveita para, no tom de brincadeira, inventar novos verbos como androginiza e lantejoulizar que parecem ser as ações do rapaz sobre as pessoas que o olham. Essas ações associam-se a significados positivos quando pensamos andrógino como igualdade entre homens e mulheres e lantejoulas como ornamentos que tornam as vestes brilhosas e com um aspecto luxuoso. Porém, apesar dos significados positivos e do fato do rapaz mandar beijos para todos os seus amores e viver a cores, ele escandaliza. Sobre os sujeitos que, assim como o rapaz da letra da música, “dissosializam”, Louro diz:

(...) Seus modos talvez sejam irreconhecíveis, transgressivos, distintos do padrão que se conhece. Seu lugar transitório nem sempre é confortável. Mas esse pode ser também, em alguma medida, um lugar privilegiado que lhe permite ver (e incita outros a ver), de modo inédito, arranjos, práticas e destinos sociais aparentemente universais, instáveis e indiscutíveis. Não se trata, pois, de tomar sua figura como exemplo ou modelo, mas de entendê-la como desestabilizadora de certezas e provocadora de novas percepções. (2008, p.24).

Desestabilizar certezas é a grande contribuição dos sujeitos que acolhem fantasias, como é o caso dos/as artistas que pintam, desenham, dramatizam, dançam e também dos sujeitos que se aventuram no campo do gênero e da sexualidade. Esses são temidos por muitos, pois questionam a naturalização dos acordos sociais. De certo modo, dissosializam ao acenar para outras possibilidades e atraem a ira do conservador, daquele que pensa a vida organizada na tradição, pois é nela que esperam encontrar a segurança que não pode ser afetada, ameaçada por nada nem por ninguém.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quantos medos nós temos?

A ira, a que nos referimos, toma forma de homofobia que tem como suas vítimas a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e transexuais). Para Barcellos (2011), o uso do termo “homofobia” denota que estamos, como outras formas de fobias, diante de uma doença. Tal doença atinge diversos níveis de violência. Sobre os homens burgueses e heterossexuais Muraro e Boff (2002) dizem “(...) E eles, os que veneram o poder, têm horror aos que assumem uma posição de fragilidade.” A afirmação mostra a estreita ligação entre o masculino e o poder. A referida relação não deve ser vista como algo natural, pois é uma relação complexa que passa por uma formulação performativa em dimensões históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas. Nessa formulação do poder masculino nos deparamos com termos como patriarcalismo e virilidade. Sobre o patriarcado observamos o seguinte:

Como categoria de análise o patriarcado não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião e outras formas de dominação de uma parte sobre a outra. Essa dominação plurifacetada construiu relações de gênero altamente conflitivas e desumanizadoras para o homem e principalmente para a mulher (Muraro & Boff, 2002).

Entendemos a complexidade performática do poder masculino, quando Muraro e Boff nos dizem que as relações de gênero são conflitivas e desumanizadoras não só para a mulher, mas também para o homem que se vê no centro do poder. O homem que precisa sempre ter coragem, autoridade e, em alguns casos, como nos mostra a história, heroísmo. Essas são qualidades que, segundo Corbin (2013), “fazem parte do código de virilidade que se tem inculcado nos meninos desde a mais tenra idade.” Para o mesmo autor, “A aparência masculina caracteriza a força do código. A ostentação dos pelos do bigode e, depois, da barba acompanha a adoção de posturas somáticas que manifestam a virilidade.” (Cordin, 2013)

Como construção histórica e cultural as identidades, inclusive as sexuais, não são fixas (como já mencionado), assim, é necessário considerar as trajetórias objetivas e subjetivas dos sujeitos. Portanto, quando Corbin nos fala de “código de virilidade” como norma para a masculinidade, está colocando uma categoria estética (o código) para definir a identidade que é constituída, entre outros aspectos, por uma dimensão subjetiva de sentido. O desvio do “código de virilidade”, a recusa à heteronormatividade, insere o sujeito numa categoria de subalternidade, de estranhamento e que, segundo Revenin:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No entanto, por volta de meados do século XVIII, a opinião geral teria começado a presumir “que todo homem que se entrega a relações sexuais com outro homem é um afeminado que faz parte de um terceiro gênero intermediário [entre o masculino e o feminino], que renuncia a seu direito de ser tratado como macho dominante e [...] está exposto a um desprezo bem merecido enquanto membro de uma espécie composta de putas masculinas.” (2013, p.468)

Essa renúncia é a análise mais simples, e que pode explicar superficialmente um dos nossos maiores medos: a homofobia, que aparece na letra da canção de Kledir Ramil em forma de respostas à pergunta “Quem é esse rapaz?” São respostas vagas e, aparentemente, sem sentido: “um tipo perigoso que vive sorridente”, “um dia viu um cara no cabaré...” Temos uma correspondência entre essas respostas e o que a opinião geral a que Revenin se refere. O cara que aparece na canção sofre o desprezo de ser considerado um tipo perigoso e viver no cabaré (uma puta).

Ainda a homofobia

A associação entre homofobia e violência, sobre tudo física, tem suas raízes históricas como nos mostra Trevisan:

Na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas a Espanha, Portugal, França e Itália católicas, mas também a Inglaterra, Suíça e Holanda protestantes puniam severamente a sodomia. Seus participantes eram condenados a punições capazes de desafiar as mais sádicas imaginações, variando historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalhos forçados (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execrações e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte na fogueira, empalhamento e afogamento [...] (2011, p.127).

Há muito tempo que os sujeitos homossexuais ou, como preferem alguns, “homoeroticamente inclinados” são vítimas da ira violenta da sociedade. Trevisan, nos ajuda com informações sobre atrocidades ocorridas em épocas remotas com o apoio da justiça, dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inquisidores, mas mesmo com toda essa violência o desejo homossexual existe ainda hoje, quebrando paradigmas e colocando em dúvidas certezas que nos perseguem. Essa é a grande “maldade” do rapaz que androginiza, que anarquiza, que dissocializa. Toda essa desnaturalização não ficaria impune perante uma sociedade que aprendeu a viver sob a tutela da heteronormatividade e, na busca de punir, de uma vez por todas a sexualidade desviante, entra em cena a medicina. Vejamos uma das muitas descrições da homossexualidade como patologia:

[...] os homossexuais sofrem de uma alteração psíquica chamada “efemização”[...] têm como as mulheres a paixão da toilette, dos enfeites, da cores vistosas, das rendas, dos perfumes [...] Não seguem as profissões que demandam qualidades viris, preferem ser alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadeiros, cabelereiros, floristas etc. (Trevisan, 2011).

Notamos que a descrição da homossexualidade como patologia traz detalhes de preferências ligadas a comportamentos esperados para os homens e, que como vimos, são comportamentos criados socialmente e historicamente, mas principalmente nas relações de poder. Essa ideia sobre a efemização criou uma situação de marginalidade maior para os homossexuais efeminados, as travestis e os transexuais, pois esses sujeitos nos mostram como nos diz Louro (2008), que o gênero e a sexualidade guardam a inconsistência de tudo o que é histórico e cultural; por isso, às vezes escapam e deslizam. A inconsistência parece ser a palavra que atravessa a pós-modernidade, a desestabilização, a quebra das fronteiras. Mais uma vez a punição para quem vai além das fronteiras, para quem “sugere uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver.” (Louro 2008). Não se trata de justificar a homofobia, mas de refletir sobre os seus verdadeiros motivos.

Papai Noel: uma conclusão.

No final da letra da música o rapaz ganha uma metáfora “papai Noel” (abana, abana, abana que é papai Noel) o elemento comum aos sujeitos, além dos viados ou renas, que puxam o transporte, é o fato de presentear. Papai Noel é um personagem criado no século IV que tem como característica maior o hábito de presentear. O rapaz, da letra da canção, também nos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

presenteia com a possibilidade de viver afetos e sensações diversas, com a reflexão sobre as normas que nos orientam. Mas é preciso lembrar, como nos diz Louro:

[...] não se pretende instaurar novo projeto a ser perseguido, não há intenção de produzir nova referência. Nada seria mais anti-pós-moderno. A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade (2008, p.23).

Pensar nas múltiplas formas de sexualidade e de gênero atreladas as flexibilidades das identidades aponta para a urgência de se aprender a viver com as diferenças. Nesse sentido é relevante o que nos diz Lima: “Trata-se, pois, de uma transformação ética, contínua e consciente, e se trata também de uma transformação concreta, já que ela tem de refletir em nossas atitudes, em nossas ações, em nossas falas, e, acima de tudo, em nós mesmos” (Louro, 2006, p.63)

É preciso que questionemos nossas ações humanas. Como enxergamos o outro? Conhecemos a alteridade? Que princípio ético norteia minhas relações em sociedade? Nossa história está cheia de exemplos de eliminação do outro, por não entender, ou não querer entender que a liberdade, a dignidade, a cidadania são direitos universais, que não deveriam ser negados aos sujeitos sociais, mesmo que eles nos sejam estranhos, exóticos, esquisitos (queer).

Reconhecer nossos preconceitos é uma iniciativa para relações mais harmoniosas com os outros sujeitos sociais, pois o preconceito retira direitos sociais e naturaliza o que é cultural e histórico. Dessa maneira, a homofobia não pode ser naturalizada é preciso que ela seja entendida como injustiça social e ganhe visibilidade como tal.

Enquanto simplificarmos as hierarquias sociais, manteremos o preconceito que alimenta os processos de exclusão social e inferiorização dos sujeitos. E numa demonstração do poder desses processos de “*eliminação do outro*” os indivíduos inferiorizados assimilam as características negativas atribuídas a ele é o caso dos negros e a negação da negritude e dos homossexuais num processo chamado de homofobia internalizada, fica clara as dimensões sociais e psicológicas da homofobia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A letra da canção “Androginismo”, de Kledir Ramil, traz, em seu último verso uma referência a canção “Boas Festas”, criada em 1932 pelo compositor Assis Valente, da qual pertence o verso “eu pensei que todo mundo fosse filho de papai Noel”. O verso e a canção ficaram conhecidos pela crítica ao consumismo que envolve a festa natalina. No contexto da letra da canção de Kledir Ramil o verso torna mais forte a exclusão do rapaz que se traveste de mulher.

Sejamos todos e todas papai e mamãe Noel ao enchermos nosso saco de informações e conhecimentos capazes de quebrar nossos preconceitos e, num gesto altruístico, quebrar os preconceitos dos outros com a vontade cada vez mais forte de elaborar pensamentos mais complexos e reflexivos.

Referências Bibliográficas.

CORBIN, Alain. **História da virilidade**: o triunfo da virilidade, o século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DÍAZ, Elvira Burgos. **Desconstrução e Subversão**: Judith Butler. Belo Horizonte: Sapere v.4-n. 7 2013. Acesso em 21/02/2015 periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/viewFile/.../5507.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. PIRES, José. (Orgs.). **Inclusão**: Compartilhando saberes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SALLES, Carlos Alberto Corrêa, MELO, Jussara Maria de Fátima César (Orgs). **Estudos sobre a homossexualidade**: debates Junguianos. São Paulo: Vetor, 2011.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SEBASTIÃO, Sonia. **Sujeito pós-moderno**: de andrógino a pós-humano Acesso em 22/03/2015 comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/.../.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011.